



António Fontinha  
Soito da Ruiva



# **Ficha Técnica**

## **Editor**

Trenmo Engenharia, Lda

## **Fotografia da Capa**

Olívia Silva

## **Museu da Pessoa**

### **Responsável Editorial**

Jorge Gustavo Rocha

## **Entrevista**

Liliana Monteiro

Anabela Lima

## **Transcrição**

Liliana Monteiro

## **Edição da História de Vida**

Liliana Monteiro

## **Revisão**

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

## **Design**

Ana Lopes

## **ISBN**

978-989-8172-07-5

## **Prefácio**

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

## **António Fontinha**

António Fontinha nasceu a 1 de Abril de 1927, em Soito da Ruiva. Filho de Manuel Fontinha e de Adelaide de Jesus, pais de mais três raparigas. Começou a trabalhar no campo ao lado do seu pai. Mais tarde foi trabalhar para as minas da Panasqueira e de Góis, para “debaixo da terra” como refere. Com 18 anos foi para Almada, trabalhou na cortiça e muitas vezes era destacado para o Alentejo onde para ganhar mais um pouco chegava a dormir debaixo da cortiça. Casou com Maria Irene Bento, a 23 de Junho de 1951, com quem teve três filhos, duas raparigas e um rapaz. Em 1970, passou a trabalhar como padiola, na Praça da Ribeira Nova. Em 1976 foi para a Docapesca, para a Secção dos Carrinhos. Transportou peixe até 1983, ano em que se reformou. Foi avô três vezes. Foi um dos sócios fundadores da Comissão de Melhoramentos de Soito da Ruiva. Na altura, atribuíram-lhe o número quatro, hoje é o sócio número um.

## Conteúdo

Identificação <i>António Fontinha</i> . . . . .	4
Ascendência <i>O único rapaz</i> . . . . .	4
Infância <i>“Eu tinha que alinhar”</i> . . . . .	6
<i>“Num pinheiro à beira do caminho”</i> . . . . .	9
Educação <i>“Respeitava-o como pai”</i> . . . . .	9
<i>“Com 10 escudos”</i> . . . . .	9
<i>“O tempo da escola foi difícil”</i> . . . . .	11
Casa <i>“No centro da aldeia”</i> . . . . .	13
Percurso Profissional <i>“Trabalhar debaixo do chão”</i>	13
<i>“Era uma pessoa desenrascada”</i> . . . . .	14
<i>“Peixe em padiolas”</i> . . . . .	16
<i>Cobrador da aldeia</i> . . . . .	16
Ofício <i>Trabalho mais favorável</i> . . . . .	16
Migração <i>“Fiz a mesma vida que o meu pai”</i> . .	17
<i>“A tábua balançava”</i> . . . . .	18
<i>Contacto por cartas</i> . . . . .	19
<i>“A casa da rapaziada”</i> . . . . .	19
Namoro <i>“Os namoricos eram por cartas”</i> . . . .	21
Casamento <i>“Pedi-lhe por carta”</i> . . . . .	22
Descendência <i>“Ela já se tinha averiguado”</i> . . .	23
<i>De lanternas acesas</i> . . . . .	26
Quotidiano <i>“A fartura não era nenhuma”</i> . . . .	28
Costumes <i>Doces tradições</i> . . . . .	28
<i>Tigeladas e coscoréis</i> . . . . .	28
<i>“A carnita do porco”</i> . . . . .	29
<i>Cortiços de abelhas</i> . . . . .	29
<i>“Diziam que apareciam aí lobisomens”</i> . . . .	29
Lugar <i>Telhados de laje e casas de pedra</i> . . . . .	30
<i>“Todos nós temos uma alcunha”</i> . . . . .	31
<i>Sócio número um</i> . . . . .	32
Sonhos <i>À espera de transporte</i> . . . . .	32



**Fotografia 1:** António Fontinha.

### **Identificação *António Fontinha***

O meu nome completo é António Fontinha, nasci em Soito da Ruiva no dia 1 de Abril de 1927.

### **Ascendência *O único rapaz***

O meu pai chamava-se Manuel Fontinha e a minha mãe Adelaide de Jesus.



**Fotografia 2:** Manuel Fontinha, pai de António Fontinha.



**Fotografia 3:** Irmã de António Fontinha.

A minha mãe era doméstica e trabalhava no campo em Soito da Ruiva. O meu pai era corticeiro, trabalhava na zona de Lisboa, em Almada.

Eu tinha três irmãs. Uma chamava-se Benvinda de Jesus, a outra era Lucinda de Jesus e a mais nova era Maria Celeste. De rapazes, era o único.

### **Infância “*Eu tinha que alinhar*”**

As brincadeiras eram normais. Por vezes, até era a dar porrada uns aos outros. Eu para dizer a verdade, pouco brincava com os colegas, que eu quando saía de casa tanto a minha mãe como o meu pai avisavam:

- "Olha que tu não te demores! Quando cá chegares comes e depois vais ter às Fontainhas."





**Fotografia 4:** Cunhado de António Fontinha, casado com a sua irmã.



**Fotografia 5:** Adelaide de Jesus, mãe de António Fontinha.

Já ficava ali a fatia da broa e um bocado do queijo. E eu tinha que alinhar. Respeitava os meus pais. Deixava os colegas a brincar pelos caminhos e vinha-me embora. Chegava a casa, pegava na fatia da broa e no bocado do queijo, aviava a mala dos livros e ia até lá adiante a uma quinta, que nós chamamos as Fontaínhas, tinha que lá ir ter com eles.

### ***“Num pinheiro à beira do caminho”***

Houve uma altura em que matei uma grande cobra, ainda me recordo disto. Matei uma grande cobra no caminho e depois de a matar pendurei-a num pinheiro à beira do caminho, que era para os meus colegas verem.

Havia colegas meus que tinham medo das cobras, mal ouvissem mexer uma lagartixa aí numas folhas de árvore tinham medo e eu não, nunca tive medo das cobras. Se as visse, mas isso já foi depois de adulto, chegava a agarrá-las pelo rabo, puxava-as para trás, virava-as para cima, mandava com elas para cima das pedras e matava-as. Nunca tive medo das cobras.

Nessa altura havia cá muitas crianças. Mesmo quando íamos para o Sobral havia entre os 15 e os 20 alunos só de cá de Soito da Ruiva.

### **Educação *“Respeitava-o como pai”***

Eu e os meus irmãos fomos criados fora do meu pai. Nem eu tinha amor ao meu pai, nem o meu pai me tinha amor a mim, mas de qualquer maneira eu respeitava-o como pai. Ele, de vez em quando, dava-me as suas lata-dazinhas e eu tinha que aceitar. Mas respeitei-o sempre, respeitava-o e bem que eu tinha medo dele. Ele era assim um bocado duro. Respeitei-o sempre, bem até um certo ponto.

### ***“Com 10 escudos”***

Quando comecei a ganhar uns tostõezitos, com pouca idade, acompanhava o meu pai quando ia cavar. Ganhava



**Fotografia 6:** António Fontinha, quando ainda estava solteiro.



**Fotografia 7:** Maria Irene Bento e António Fontinha no casamento do filho Acácio com Ana Cristina.

dez escudos por dia.

Houve uma bela altura em que, quando uma senhora nos veio trazer o dinheiro que tínhamos ganho, calhou o meu pai não estar cá e quem recebeu o dinheiro fui eu. Depois fiz a entrega do dinheiro ao meu pai, mas fiquei com dez escudos para mim. E disse-lhe:

- Estes dez escudos ficam para mim que é para ir comprar uma prenda em Vale de Maceira.

Em Vale de Maceira faziam uma romaria. O meu pai calou-se, mas não foi de muito boa vontade. Depois disse para as minhas irmãs:

- "O António ficou com dez escudos para ele, só estou para ver se vai gastar mal gasto."

Eu havia de comprar uma grande coisa com dez escudos.

### *“O tempo da escola foi difícil”*

Andei na escola em Sobral Magro, mas o tempo da escola foi difícil. Gastávamos quase uma hora, tanto para baixo, como para cima. A dificuldade que nós tivéramos para aprender aquilo que aprendemos! Por vezes, gastávamos até mais porque vínhamos na brincadeira uns com os outros. Fazer este trajecto todos os dias, para baixo e



**Fotografia 8:** Acácio Bento Fontinha, filho de António Fontinha.

para cima, por vezes com tempo de chuva e os agasalhos eram fracos, eram poucos. Às vezes não havia agasalho para a gente se agasalhar, não havia um guarda-chuva para livrar a chuva. Quando ela vinha tínhamos que vir em corrida ou aparar-lhe as costas. Era o remédio.

As professoras naquele tempo não paravam na aldeia. Não gostavam do sítio. Vinham estar aí dois ou três meses davam à sola e iam-se embora. Depois até que viesse outra estávamos aí uma quantidade de tempo sem escola. Foram tempos difíceis, em tudo.

A escola tinha só uma sala, mas bastante grande porque naquele tempo havia muitos alunos. Chegávamos a andar uns 30 e tais, 40 alunos. Mas era uma sala única. A professora também era só uma.

Tínhamos que comprar livros e cadernos, era tudo à conta do próprio aluno. Lá havia um ou outro que, coitaditos, tinham mais carência e a professora cedia um cadernozito ou um lápis, isto ou aquilo. No começo do ensino era tudo escrito numa pedra, quer fosse contas, quer fosse cópias ou coisas assim.

### **Casa “*No centro da aldeia*”**

Morava na casa dos meus pais com as minhas irmãs, era numa casa no centro da aldeia. Era uma casita pequenina do lado direito de quem vai para o lado da escola. Tinha um quartozito, uma sala e uma cozinha, mais uma divisãozita pequenina para pôr a lenha, logo junto à cozinha. A maior parte do tempo, passávamos na cozinha e na sala. Chamava-lhe a gente sala, mas era uma salinha pequenina.

### **Percurso Profissional “*Trabalhar debaixo do chão*”**

Comecei a trabalhar a cavar terra com o meu pai. Quando saí da escola também guardei cabras e ovelhas. Quando tinha os meus 16 ou 17 anos fui para umas minas que havia em Góis. Trabalhei lá um ano e tal na exploração de volfrâmio, chamavam àquilo volfrâmio.

Mais tarde, fui para as minas da Panasqueira. Andei lá a trabalhar debaixo do chão três meses. Aquilo também era no duro. Mesmo duro! Recordo-me que ganhava 24 escudos. Só que a gente ouvia dizer tanta coisa, ora que ficavam avassalados debaixo das rochas e então andávamos sempre com o coração nas mãos. Assim que tive possibilidade de arranjar trabalho em Lisboa, migrei para lá.

*“Era uma pessoa desenrascada”*

Devia ter aí os meus 18 anos, mais ou menos, quando migrei para Lisboa. Na altura fui trabalhar para a cortiça. Lá fazia todos os trabalhos. Na cortiça posso-me gabar que sabia fazer todo o trabalho, só menos o trabalho de escolha.

A cortiça era classificada por primeira, segunda, terceira, quarta e quinta. De maneira que só esse trabalho é que não sabia fazer, o resto fazia tudo. Eu traçava-a lá no Alentejo, na fábrica traçava novamente, depois era recortada, limpa e enfardada. Fazia tudo. Depois, era cozida numa caldeira. Eu fazia todos os trabalhos da cortiça. Era por isso que o patrão gostava de mim.

Gostava de mim porque ajeitava-me com todos os trabalhos. Ajeitava-me e era uma pessoa desenrascada. Era eu e um primo meu, quando o patrão tinha qualquer problema para o desenrascar depressa, os escolhidos eram logo o Fontinha e o Manuel Alves.

Éramos dois primos, dávamo-nos muito bem, ainda hoje nos damos muito bem. Éramos duas pessoas desenrascadas. Por vezes, brincávamos um com o outro a experimentar forças. Às vezes, atrasávamos o trabalho, por causa de andarmos na brincadeira, mas a gente em pondo as mãos a desigual, podíamos estar atrasados mas de um momento para outro a gente ficava logo à frente deles porque éramos uns tipos desenrascados.

Os salários eram fracos. Eu quando para lá fui, fui ganhar 24 escudos por dia. Mais tarde, fui para 27 escudos e depois passei para 30 mil e oitocentos. Era o salário mais alto que havia nos corticeiros. Quando ia para fora, tinha que ir para o Alentejo, então ganhava mais qualquer coisa, 37 escudos. Era duro ter que lá viver debaixo dos chaparros, dos sobreiros, no meio da cortiça. Era um bocado difícil, por vezes sozinho, mas a gente mesmo assim aproveitava, só porque ia ganhar mais qualquer coisa. Aguentava às vezes dois, três e quatro meses sem vir à fábrica. Quando vinha recebia aquele dinheirito junto e ficava todo satisfeito. Apesar de aquilo não ser nada bom, mas bem, era o que havia.





**Fotografia 9:** Otília, Paulo, Elsa, António, Maria Irene Bento, António Fontinha e Maria Isabel no casamento do filho Acácio com Ana Cristina.

### ***“Peixe em padiolas”***

Entretanto, tivéramos uma crise de trabalho na cortiça e vim para ao pé da mulher, para Soito da Ruiva. Tivéramos aqui dois ou três anos. Depois, houve então um familiar meu que me arranjou trabalho em Lisboa para o peixe, para a tal dita Ribeira Nova.

Na Ribeira Nova era descarregador de peixe. Carregava o peixe em padiolas, tirava-o de dentro dos barcos para dentro da lota. Eram dois colegas, um pegava de um lado e outro pegava no outro lado da padiola carregada de caixas do peixe. Depois tínhamos de descarregar dentro da lota.

Depois daí, os trabalhos da Ribeira Nova acabaram e passaram para a Docapesca.

### ***Cobrador da aldeia***

Tive uma altura em que até cheguei a ser o cobrador da luz na aldeia. A empresa arranjou um cobrador para cada aldeia e eu era o de Soito da Ruiva. Não é para me estar a gabar, mas era uma pessoa que, apesar de ter feito apenas a 3<sup>a</sup> classe, aprendi muito e ainda ajudei várias pessoas. Naquele tempo até a minha sogra chegou a dizer para mim:

- "Olha que o homem que é ocupado por muita gente, como é o teu caso, é porque te acham com competências para isso. Aquele que não é incomodado por ninguém é porque também é um homem que não presta para nada, que não tem competência para nada."

Felizmente ainda ajudei muita gente, mas agora, caducou tudo, a velhice traz tudo.

### ***Ofício Trabalho mais favorável***

Quando o trabalho na Ribeira Nova acabou, foram escolhidos pelo encarregado quais eram os que haviam de ir para a Docapesca.

Na Docapesca o trabalho era diferente, embora mais favorável. A minha profissão era considerada a mesma mas em carros. Já usávamos carrinhos, onde púnhamos



**Fotografia 10:** Laura e Marta, sobrinhas de António Fontinha.

três ou quatro caixas em cima e era só empurrar e levá-lo ao destino. Mesmo assim ainda havia colegas que diziam mal do trabalho. Diziam mal e eu só dizia para eles:

- Ladrões, vocês nunca souberam o que é que foi trabalho. Quando vocês dizem mal deste trabalho, nunca soubeste o que é que era trabalho ruim.

Se eles andassem com os matulões às costas como andei na cortiça, então é que tinham razão para dizer mal do trabalho.

### **Migração “*Fiz a mesma vida que o meu pai*”**

Lembro-me de o meu pai estar a trabalhar em Lisboa. A profissão dele era corticeiro. Depois vinha a Soito da Ruiva de tempos a tempos. Aquilo não era certo. Quando havia falhas de trabalho, ele aproveitava e vinha cá para estar umas temporadas ao pé da minha mãe. Depois regressava outra vez, quando o mandavam chamar.

A minha mãe ficou cá em Soito da Ruiva a cultivar as terras, para arranjar o sustento para os filhos. Os ganhos em Lisboa, naquele tempo, eram fracos. Era por isso que eles não levavam para lá as mulheres, porque lá não se ganhava o suficiente para se pagar uma renda de casa.

Fiz a mesma vida que o meu pai, pouco mais ou me-

nos. Também trabalhei fora daqui. Depois dos três meses em que estive nas minas da Panasqueira, houve uns primos meus que me arranjaram trabalho para Lisboa, para a cortiça. A partir daí, hoje nesta fábrica, amanhã naquela. Era assim.

Depois fui visitar uns familiares meus da terra, que viviam na zona de Almada, e disseram-me:

- "Ó Fontinha, amanhã há descarga ali na Fábrica dos Validos, se quiseres ganhar mais uns tostões? Se fores lá pedir trabalho, eles são capazes de te dar trabalho."

E eu aproveitei. Fui lá pedir trabalho, para carregar os tais batelões de 80 e de 100 quilos.

### *“A tábua balançava”*

Tive tanta infelicidade que logo, não sei se foi nesse dia ou se foi no outro a seguir, ia com um fardo às costas em cima de uma prancha, para levar para dentro dos barcos, uma tábua larga e caí. A tábua balançava, eu levava um balanço, o outro entrou atrás de mim com outro fardo, falseou-me o balanço e lá vou eu para dentro de água. Para dentro de água não, que era terra seca.

Parti um braço, lá fui para o hospital da Mundial, três meses e meio que eu tive de acidentes. E aí é que foi o mau bocado. Eu já nem tinha esperanças nenhuma do braço vir ao normal. Tanto que depois mandei uma carta para os meus pais e para as minhas irmãs, a dizer que ia ficar aleijado do braço. Como é que eles não ficaram?!

Mas depois, com tanto tratamento, massagens e pontas de fogo dentro de um forno eléctrico, a própria senhora que me andava a fazer o tratamento já tinha perdido as esperanças de o meu braço ir ao normal, mas depois felizmente foi.

Sabíamos destes trabalhos em Lisboa porque os homens iam passando parte uns aos outros. Naquele tempo, os estudos não eram nenhuns. Só procuravam os trabalhos da cortiça, para andarem a carregar. Não sabiam fazer deveres, não sabiam fazer outra coisa. Comunicavam uns com os outros:

- "Olha vai até tal parte que agora parece que há lá muito trabalho. Pode ser que também te dêem trabalho."

### *Contacto por cartas*

Enquanto estive em Lisboa só regressava a Soito da Ruiva quando podia. Vínhamos cá sempre que os patrões nos dispensassem. Por vezes, a gente tinha vontade de vir, mas os patrões:

- "Não, agora não, agora não pode ser. Aguarda lá mais um tempo que agora não pode ser."

E tínhamos que aguardar. De maneira que era uma coisa sem limite. Podia ser seis meses, podia ser oito. Às vezes andávamos lá quase um ano. Mantínhamos contacto com a família através de cartas, naquele tempo praticamente era só por cartas. Telefone não havia, os meios de comunicação eram as cartas.

### *“A casa da rapaziada”*

Em Lisboa vivíamos todos, o pessoal da minha aldeia, num barracão. Cada um na sua cama, está certo. Tínhamos uma mezinha feita por nós, nuns caixotes, para pôr um fogareiro a petróleo em cima e vivíamos ali todos juntos. Parecia um hospital. Éramos à volta de umas 20 pessoas. Até lhe chamávamos nós a casa da rapaziada. Viviam cá os da aldeia, por vezes até havia homens também de outras aldeias, do Sobral Magro e da Moura da Serra a viverem com a gente também. Até uns rapazes ali do Tojo. Sabiam que ali normalmente havia sempre lugar para mais um ou dois. Quando as pessoas não tinham onde ir, iam ter com a rapaziada e lá se arranjava um canto para se pôr mais uma cama.

Era assim, os trabalhos eram todos no mesmo ramo. A habitação era dormir todos ao pé uns dos outros. A higiene, por vezes, também era pouca ou nenhuma. Como éramos muitas pessoas a viver juntos, fazíamos uma escala:

- "Hoje és tu que varres a casa, amanhã é fulano."

Tínhamos uma escala no papel, na parede:



**Fotografia 11:** Maria Irene Bento, esposa de António Fontinha, com 30 anos.

- "Olha que tal dia, quarta-feira, é fulano. À quinta-feira é fulano."

E pronto, eles tinham que ter cuidado pelo menos em varrer a casa. Às vezes, era conforme calhava.



**Fotografia 12:** Maria Irene Bento e António Fontinha, quando Maria Irene esteve em Lisboa.

### **Namoro “*Os namoricos eram por cartas*”**

Os namoricos no meu tempo eram por cartas. Quer dizer, os rapazes normalmente migravam todos para Lisboa, que aqui não havia onde é que se ganhasse. Depois os namoricos eram por cartas.

As cartas demoravam para aí dois, três dias a chegar à terra, que o correio tinha que uma pessoa ir buscá-lo a Pomares, à Junta de Freguesia. Havia uma senhora que ia buscá-lo a Pomares e depois o que vinha para estes lados deixava ficar no Sobral Magro. Havia então uma estafeta do Soito da Ruiva que ia buscar a correspondência a Sobral Magro para aqui. Depois deixava-a num senhor que tinha uma merceariazita, fraca, mas era lá que ela ia deixar a correspondência. As pessoas tinham que ir lá procurar.

Eu fui para Lisboa com os meus 18 anos, só casei aos 25. O namorico foi por cartas a maior parte do tempo.



**Fotografia 13:** Irene Bento e António Fontinha.

### **Casamento “*Pedi-lhe por carta*”**

Pedi a minha mulher em casamento, mas também tive de fazer o pedido aos pais. Pedi-lhe por carta, ela aceitou mas depois tive que ir pedir aos pais. Isto não era como agora. É comum, eles e elas é que mandam, mas naquele tempo se os pais dissessem que não, tínhamos que respeitá-los. Não sei se era melhor, se era pior.

Casei-me já tinha 25 anos. O casamento foi cá na aldeia, no dia 23 de Junho de 1951. Eu estava nervoso, mas é normal.

Houve festa de casamento, tinha que haver festa como é normal. Naquele tempo até deitavam foguetes aí, mas no meu casamento não houve nada disso. Quando as minhas irmãs se casaram, ainda foram fazer o casamento a Pomares e eu, quando vim para cima, em vez de vir com o pessoal fui aí por uma outra terra para ir comprar foguetes, para deitar, quando cá chegasse.

A festa de casamento foi na casa da mãe dela. A comida era carne de cabra, que era o que se usava naquele tempo. Era o melhor, o melhor que aparecia. Os doces





**Fotografia 14:** Maria Irene Bento e António Fontinha no casamento da filha, Maria Isabel Bento Fontinha.

eram: arroz doce, tigelada, que é feita com açúcar, leite e ovos, e coscoréis.

Normalmente era quase toda a gente da aldeia convidada. Convidavam principalmente os familiares, mas quando era no dia a seguir ao dia do casamento convidavam aí o pessoal todo da aldeia para irem petiscar. Não quer dizer que fosse para comer uma refeição, mas pelo menos irem petiscar um bocado de carne fresca e beber uns púcaros. Era a tradição naqueles tempos.

### **Descendência “*Ela já se tinha averiguado*”**

Não havia cá médico em Soito da Ruiva. O médico que tínhamos mais próximo era em Avô.

Tanto que a minha esposa quando teve os filhos, coitadita, sofreu. Hoje vai tudo para as maternidades, naquele tempo elas sofriam muito. Sofriam aquilo que sofriam e por vezes era preciso mandar vir o médico para tirar a criança, quando estava demorada. E aconteceu



**Fotografia 15:** Maria Isabel Bento Fontinha no dia do casamento.



**Fotografia 16:** Maria Isabel Bento Fontinha, filha de António Bento Fontinha.



**Fotografia 17:** Acácio Bento Fontinha, filho de António Fontinha.

com ela, com os três filhos que teve, todas as vezes tiveram que chamar o médico para vir tirar a criança, mas depois nunca lhe chegaram a tirar nenhum. Quando o médico cá chegava ela já se tinha averiguado.

### *De lanternas acesas*

Uma vez, não sei se foi do filho mais novo, se o que é que foi, tiveram que mandar o médico voltar do caminho. Foram daqui com umas lanternas acesas, era de noite, para o esperarem no caminho para o mandarem voltar para trás, pois já não era preciso.

Maus tempos, tempos difíceis em todos os sentidos.



**Fotografia 18:** Maria Isabel, Acácio Bento e Maria Amélia, filhos de António Fontinha.

## **Quotidiano “A fartura não era nenhuma”**

As mulheres que ficavam em Soito da Ruiva, quando os maridos estavam em Lisboa, aproveitavam para amanhar os terrenos para arranjar milho, feijão e batata. Fôramos criados aqui praticamente numa miséria. Mas bem, para dizermos que passáramos fome, não passáramos. Mas a fartura não era nenhuma, que às vezes comia-se mais um bocadinho se o houvesse.

O milho que se cultivava era todo moído no barroco, lá adiante onde corre água com abundância. Temos lá, salvo erro, alguns 14 moinhos naquele ribeiro. Tudo trabalhava naquele tempo. Estes moinhos ainda lá existem só que hoje já nenhum deles trabalha. Não há milho para moer, ninguém o cultiva. Agora está tudo degradado, mas era lá que se ia moer.

Também a terra se cultivava tudo e hoje não se cultiva nada. Para além dos terrenos tínhamos rebanhos de cabras e ovelhas.

O nosso dia-a-dia era simples. Acordávamos de manhã e depois tomávamos o café. A gente tomava naquele tempo era um bocado de broa, um bocado de queijo, quando havia, ou uma sardinha. Uma sardinha dividida por três. Era o que havia.

Depois iam com as cabras para a serra. À volta do meio-dia comia-se uma sopazita, uma tigelazinha de sopa, e depois:

- "António vai deitar as cabras. Vai lá deitar as cabras para a rua."

## **Costumes *Doces tradições***

### ***Tigeladas e coscoréis***

A tigelada é um doce especial que se usa muito cá na aldeia. Cá na região usam muito tigelada. Era um doce do melhor. Coscoréis é um bolo também, mas que é estendido nas mãos e depois posto na frigideira. Aquilo é que era bom, a minha esposa sabia fazer bem. Hoje é raro fazer. E então faziam aquilo com fartura.

### ***“A carnita do porco”***

Na minha criação, a matança do porco era uma festa. A morte do porco era uma festa praticamente para a família. Toda a gente criava o seu porcozito e, pronto, naquele tempo era o que se comia. Comia-se uma sardinhazita lá de tempos a tempos quando aparecia, quando iam às feiras. De resto, era a carnita do porco que se criava é que se comia. Em acabando só se comia a sopazita. O porco que se criava aí era com dificuldade, havia muitos anos em que o porco morria e depois dinheiro não havia para se comprar outro. Eram tempos de miséria.

Nesse dia, os familiares convidavam-se uns aos outros:

- "Olha que tal dia mato eu o porco."

E depois a outra dizia:

- "Olha, em tal dia mato eu."

E era dois, três diazitos em cada casa a comerem. Hoje era para se matar o porco, amanhã era para encher as chouriças e pronto. Pelo menos dois dias em cada casa, os familiares juntavam-se e faziam convívio.

### ***Cortiços de abelhas***

Também havia cortiços de abelhas em Soito da Ruiva, mas isso na aldeia houve sempre pouco. Havia aí umas duas ou três casas que tinham abundância de mel. Hoje não há nada, desapareceu tudo. Uns pelo relaxo, não sabiam tratar delas, eu era um deles que nunca me ajeitei a tratar desses bichos e agora o fogo limpou com tudo e isso acabou.

### ***“Diziam que apareciam aí lobisomens”***

Havia e ainda há pessoas que acreditam em lobisomens, têm essas coisas em mente. Diziam que apareciam aí lobisomens e passavam aí essas coisas a umas tantas da noite. Já não são coisas do meu tempo. Ouvi falar, tenho ouvido falar. Coisas que, por vezes, as pessoas acreditavam, que nunca fui crente nessas coisas. Tanto mais que

adquiri um conhecimento correcto que essas coisas para mim não existem.

### **Lugar *Telhados de laje e casas de pedra***

Antigamente a aldeia era diferente. As casas eram todas tapadas com pedras, chamam-se lajes. Nas paredes, as pedras estavam à mostra, hoje já há poucas com pedra à vista, apesar de ser moda agora. Parece-me que a minha casa foi a segunda que se cá fez com telha, tapada com telha. A minha casa, é pouco espaçosa mas quando a mandei construir era a melhor casa que havia cá na aldeia, era a minha. Havia aí velhotes que diziam assim:

- "Olha que aquele ainda não o gasta por lá todo. Ele como mandou fazer assim uma casa, é porque ele ainda não o lá gasta todo."

E hoje já parece um nicho em relação às outras que há por aí.

As ruas eram as mesmas, porque aqui nunca foram alargadas, nem apertadas. Só que estão em melhores condições. Naquele tempo era uma miséria. Eram só estrumeiras em todas as ruas. As pessoas punham mato às portas das casas, atravessavam dois paus, um aqui e outro ali, e depois botavam uma camada de estrume.

A miséria era tanta naquele tempo que iam fazer os despejos que haviam de ser feitos na casa de banho, mas que não havia, à rua. E faziam os despejos das urinas e das fezes para essas estrumeiras. Qual era a higiene que havia cá naquele tempo? Era uma miséria. A primeira casa de banho que foi construída na aldeia foi a minha.

Está tudo melhor. Só a limpeza que vai aí nessas ruas, naquele tempo era tudo pedra e lama e hoje está tudo cimentado. Não podemos dizer que é bom, mas em relação àquele tempo temos que dizer que sim.

Hoje, se aquelas pessoas, os meus pais e avós, cá vissem e vissem diziam: "louvado seja Deus". A diferença que isto tem. O que isto foi modificado do ruim para bom. Apesar de não ser muito bom, mas pronto em relação aqueles tempos mudou muito.

Soito da Ruiva não sei qual foi o significado deste



nome. Há lá em baixo um sítio que lhe chamam a Foz da Ruiva. Onde se juntam dois ribeiros, junta-se lá também o ribeiro que vai aqui do Soito da Ruiva, com outro lá em baixo, foi por isso é que aí puseram o nome Foz da Ruiva. Mas agora o nome aqui do Soito da Ruiva não sei quais foram os princípios disso.

***“Todos nós temos uma alcunha”***

Aqui praticamente é quase tudo família. Praticamente consideramo-nos todos uma família. Por pouco ou por muito consideramo-nos quase todos uma família. A aldeia também é pequena. A Ana e o Neves são meus primos. A Deolinda também é minha prima. Os de Sobral Gordo também ainda pegam um bocadinho, a Deolinda do Sobral Gordo também ainda pega um bocadinho mas já é mais afastada, mas normalmente é quase tudo família.

Aqui para distinguir as pessoas dávamos alcunhas. A "Deolinda dos Pinheiros" é simplesmente por ela viver no cimo do povo no meio do pinhal. A casa está um bocado mais afastada, foi por isso que começaram a chamar-lhe "Deolinda dos Pinheiros". Todos nós temos uma alcunha, mas isso a gente respeita, nem levamos a mal dizer que é a "Deolinda dos Pinheiros".

Esta minha vizinha tem o nome de "Maria dos Tojos", porque também foi criada quase à saída da povoação, quase no meio do mato. O nome desse mato é tojo e ali havia muitos tojos. Simplesmente por ela ser criada no meio do mato, no meio dos tojos, é que ainda hoje lhe chamamos a "Maria dos Tojos".

Também há a "Maria da Poça", que está em Sobral Magro. Era "Maria da Poça", porque a casa de habitação dela era ali ao pé de uma poça. A gente aqui chama-lhe uma poça, mas nos outros lados chamam-lhe uma presa, onde emprazam as águas que é para o regadio. E era por isso é que lhe chamavam a "Maria da Poça".

### ***Sócio número um***

Eu fui um dos fundadores da Comissão de Melhoramentos. Quando a Comissão foi fundada eu era o número quatro, fiquei como sócio número quatro. E hoje já estou em número um porque, infelizmente, os outros já morreram e o número foi baixando.

Sei que a Comissão foi fundada com algumas dificuldades e que nos deu bastante trabalho. Houve um senhor que foi o que deu início a isto, que se chamava Manuel Alves, que trabalhou bastante para isso e eu. Ele já morreu, mas elogiei-o muito pela iniciativa que tomou e pelo trabalho que teve. Depois, por fim, coitado, foi desclassificado. Foi um homem que tinha muita vontade, mas era uma pessoa que de vez em quando tinha as suas caídas, parece que era uma coisa variada. E depois começou a ser desclassificado.

Depois apareceu alguém que tinha mais estudos, mais competência e o homem foi posto fora, com grande desgosto da parte dele. Ainda hoje as filhas dele não se dão bem com a Comissão por causa de terem excluído o pai delas. É assim, podem ter razão num sentido, mas por outro temos que concordar que há pessoas com mais habilitações, com mais competências de gerirem a Comissão e até aí nós temos que respeitar.

### ***Sonhos À espera de transporte***

Actualmente na aldeia, para mim, só o que me interessava era que arranjassem um transporte para nos virem buscar, uma vez que a camioneta da carreira não pode cá vir. Gostava que se interessassem em arranjar uma carrinha que nos viesse cá buscar, ou por intermédio da empresa ou até que tivesse que ser paga por nós próprios, não me importava. Queria era que houvesse quem se interessasse em arranjar-nos transporte para nos vir buscar, pelo menos, uma vez por semana.

A gente precisa de se deslocar daqui para Arganil, então temos de mandar vir um táxi, hoje já levam 40, 40 e tal euros, para vir buscar e trazer. Eu sei que há

aí a freguesia do Piódão que arranjou para a freguesia uma carrinha, não sei se por intermédio da Comissão dos Compartes, se por intermédio da Junta de Freguesia. Interessaram-se por isso e hoje a carrinha vem buscá-los ali à serra. Enquanto nós, estamos isolados aqui. Aqueles que têm carro não se interessam porque têm o transporte deles, mas eu e outros mais é que nunca tivéramos habilidade de arranjar um carro. Se não o arranjàramos antes, agora também já não somos capazes de o arranjar. Se tivesse tirado a carta, apesar de as possibilidades não serem muitas, também tinha um ferro-velhozito qualquer para me desenrascar. Só que nunca tirei a carta.